

POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA EM TEXTOS ESCRITOS¹

THIRD PERSON POSSESSIVES IN WRITTEN TEXTS

Silvana Silva de Farias Araujo
 Prof. Substituto (DLET/UEFS).
 Mestranda em Letras pela UFBA.
 E-mail: silvana@uefs.br

RESUMO — *Este trabalho apresenta um estudo quantitativo sobre a variação no uso de formas indicativas de posse de terceira pessoa no português brasileiro. Procura-se investigar se o uso da forma **dele** indicando posse aparece em textos escritos. Utilizam-se os pressupostos da Sociolinguística Quantitativa e **corpora** diversos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Ambigüidade; Fala; Escrita.*

ABSTRACT — *This paper presents a quantitative study about variation in the use of third person possessive forms in Brazilian Portuguese. It is investigated whether the use of the form **dele** indicating possession, appears in written texts. The theory adopted is the quantitative sociolinguistic analysis and the **corpora** are diverse.*

KEY WORDS: *Ambiguity; Speech; Writing.*

1 INTRODUÇÃO

O caráter conservador da língua escrita já foi explicitado várias vezes por diversos autores. Faraco (1991), ao descrever o processo de mudança lingüística, salienta que as mudanças começam a se desencadear primeiro na fala e só depois chegam

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi realizada durante o curso de Especialização em *Língua Portuguesa: Gramática*, na UEFS, sob a orientação da profa. Dra. Ilza Ribeiro, a quem agradeço pelas valiosas sugestões. Assumo, no entanto, as possíveis falhas.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Letras e Artes. Tel./Fax (75) 224-8265 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: let@uefs.br

à escrita. A mesma posição é encontrada em Kato (1999), que defende que a escrita procura manter as perdas lingüísticas para marcar a modalidade e o estilo mais formal. Quanto à variação entre as formas *seu* e *dele*, tema deste trabalho, vê-se que há uma interferência muito grande entre as duas modalidades da língua, como observou Silva (1982) em trabalho que comparou a variação entre essas duas formas em *corpus* escrito e oral, e cujos dados demonstraram que o emprego da forma *dele*, a forma inovadora, é muito mais freqüente na fala, em ordem de 75% contra 14,1% na escrita.

Pode-se atribuir a predominância do emprego da forma genitiva *dele* na oralidade, principalmente em situações de diálogos, à ambigüidade em torno do possessivo *seu*, provocada a partir da difusão da forma *você*, usada para fazer referência à segunda pessoa do discurso, pois como o pronome pessoal *tu* deixou de ser utilizado em quase todo o território brasileiro, o pronome *teu* passou a ter uma ocorrência menor e o pronome *seu* a alargar enormemente o seu campo, passando a ser utilizado tanto para a segunda pessoa semântica quanto para a terceira. Tornaram-se, assim, ambíguas sentenças do tipo: “Maria, vi Carla beijando *seu* namorado”, haja vista que o possessivo *seu*, referente à segunda pessoa do discurso, já se encontra bem internalizado pelos falantes. Além dessa ambigüidade referente à pessoa (de segunda ou de terceira pessoa), tem-se a ambigüidade de número, em construções como “Vi João, Paulo e *seu* filho”, em que se tem dúvida se o filho é de João, Paulo ou de ambos.

O sistema lingüístico tratou de desfazer essa ambigüidade, criando a forma genitiva *dele* e flexões quando o possuidor é uma terceira pessoa. Assim, a sentença “Você e Pedro vieram no carro *dele*” é clara ao falante, ao passo que “Você e Pedro vieram no *seu* carro” não é, se o possuidor for Pedro.

Dessa forma, pode-se observar a predominância, na língua oral, da forma genitiva *dele* para a terceira pessoa semântica, como já observou o filólogo Meier (1948):

A forma genitiva *dele* está aumentando de frequência, e tende a ser cada vez mais o possessivo de terceira pessoa em todas as camadas sociais, na moderna língua oral. O **seu** disputa com *dele* a preferência na língua mais elevada.

O que este trabalho busca analisar é se esse amplo uso da forma *dele* ocorre na escrita. Para realização desta pesquisa, vários tipos de textos foram analisados: redações de alunos em diferentes níveis de escolaridade, textos publicitários e textos informativos da revista *Veja*.

2 POSIÇÃO DA GRAMÁTICA NORMATIVA

A posição dos gramáticos em relação a esse sistema de pronomes tem sido diversa. Algumas gramáticas normativas apresentam a forma pleonástica *seu... dele*, para evitar a ambigüidade, como, por exemplo, Terra (1980, p. 111) e Cunha (1986, p. 231). Assim, em Terra, encontramos exemplos como: “Pedro saiu com *sua* irmã *dele*” e, em Cunha, um exemplo de Machado de Assis: “Montaigne explica pelo *seu* modo *dele* a variedade deste livro”. A esse respeito, Silva (1984), sugere como conclusão prática que se retire das gramáticas essa forma pleonástica, visto que esta não é encontrada na modalidade escrita, e muito menos na oralidade, destacando que, até na obra de Pe. Antônio Vieira, a proporção dessa forma é ínfima. Silva (1982) propõe ainda que a forma *dele* seja preconizada como forma usual da terceira pessoa na língua oral. Cegalla (1980, p. 464), por sua vez, apresenta o uso do genitivo *dele* para indicar posse de terceira pessoa sem a forma pleonástica, mas somente em casos em que a ambigüidade provocada pelo possessivo *seu* for muito grande, e dá como exemplo a seguinte frase: “Você bem sabe que eu não sigo a opinião *dele*”.

Desta forma, observa-se que a gramática normativa, referencial para a língua escrita, ainda apresenta uma certa resistência ao uso da forma genitiva *dele* para fazer referência à terceira pessoa do discurso, sendo esta forma inovadora somente prescrita como forma de desfazer ambigüidade.

3 A VARIAÇÃO NOS TEXTOS ANALISADOS

Na fase de elaboração do projeto desta pesquisa, acreditávamos que o possessivo *seu* seria mais freqüente nos textos de alunos com maior domínio da escrita, isto é, que sabem diferenciar fala de escrita, e nos textos informativos da revista *Veja*. Em relação ao uso do genitivo *dele*, pensávamos que esta forma só apareceria na escrita em contextos que dessem margem à ambigüidade. As hipóteses foram parcialmente confirmadas e os resultados são apresentados a seguir.

2.1 Textos de alunos

Foram analisados textos de alunos em dois níveis de escolaridade: 5ª série do ensino fundamental de uma escola pública da zona rural e 3º ano do ensino médio de uma escola pública da zona urbana.

2.1.1 Textos de alunos do Ensino Fundamental

É importante salientar que os alunos que produziram os textos para essa amostra estudavam com situações precárias de ensino e se encontravam num estágio inicial de escrita, com graves problemas de ortografia, de pontuação, e com os demais aspectos que se relacionam com o padrão culto da língua, os quais, identificados como erros, foram preservados nos exemplos aqui ilustrados.

Foram analisados 19 textos, os quais foram obtidos da seguinte forma: pedimos que os alunos escrevessem uma narração que tivesse como enredo a história de uma criança que possuía um cachorro que, num certo dia, foge de casa. Desses textos, apenas dois não usaram nenhuma forma para indicar posse, construindo sentenças como: “*O menino foi na rua compra o remédio e deichou o cão com um vizinho...*”, por essa razão não trabalhamos com a categoria vazia indicando posse.

Dos 18 textos que apresentaram as formas *seu* ou *dele* para indicar posse de terceira pessoa, foram encontradas 19 ocorrências da forma genitiva e 26 da forma pronominal. Dessa forma, a hipótese de que o pronome *seu* seria mais freqüente

em textos de alunos com maior domínio de escrita, foi refutada. Em termos percentuais, temos:

Quadro 1 - Variação entre *seu* e *dele* em textos de alunos do Ensino Fundamental

	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
Uso de <i>seu</i> e flexões	58%	0,58
Uso de <i>dele</i> e flexões	42%	0,42

Investigamos ainda se o possessivo *seu* só aparecia em sentenças sem possibilidade de ambigüidade em relação ao possuidor. Foram consideradas ambíguas sentenças do tipo: “Um certo dia, o seu neto passeava de carro e encontrou o *seu* cachorro e vovó ficou muito feliz com *seu* cachorro”. E, consideradas não-ambíguas sentenças como: “O menino e seu cachorro”; “Foi muito difícil pra mim, e até hoje, minha filha não conheceu *sua* avó”; “Quando chegava a hora deles comer eu dava cada um no *seu* pratinho separado, mimo bebia leite e ração de cães”.

Quadro 2 -Uso do possessivo *seu* em relação à ambigüidade

	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
Ambíguo	48%	0,48
Não-ambíguo	52%	0,52

Os dados apresentados na tabela anterior demonstram que o possessivo *seu*, na escrita desses alunos, aparece independente da ambigüidade que possa causar, uma vez que a diferença entre contextos ambíguos e não-ambíguos foi mínima.

Em relação ao emprego da forma *dele* e flexões, constatamos que, na escrita desses alunos, esta forma aparece como forma natural de indicar posse de terceira pessoa e não como forma de desfazer ambigüidades, como prescreve a gramática normativa. Um exemplo seria a sentença encontrada, em que o possessivo *seu* poderia ser utilizado sem nenhuma possível ambigüidade:

"Era uma vez uma menina que adorava bichinhos de estimação. ai a vovozinha dela comprou um lindo cachorrinho para dar a sua netinha de presente no seu aniversário".

Quadro 3 - Uso do genitivo *dele* em relação à ambigüidade

	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
Ambíguo	47,4%	0,47
Não-ambíguo	52,6%	0,53%

Como conclusão para esse tipo de texto, compreendemos que, na escrita de alunos do nível fundamental, a forma mais usada é o pronome *seu*, mas quando se usa o genitivo *dele*, isso não acontece como forma de evitar ambigüidade, mas como uma transcrição de fala.

2.1.2. Textos de alunos do Ensino Fundamental

De alunos do ensino médio, 50 textos foram analisados e foram encontradas 126 ocorrências do pronome *seu* e flexões e apenas 5 ocorrências do genitivo *dele*:

Quadro 4 - Variação entre *seu* e *dele* em textos de alunos do Ensino Médio

	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
<i>Seu</i> e flexões	96,2%	0,96
<i>Dele</i> e flexões	3,8%	0,038

Os dados apresentados anteriormente demonstram que o emprego do genitivo nos textos desses alunos ocorre só para desfazer ambigüidade, pois, das 5 ocorrências encontradas, 4 foram utilizadas para desfazer ambigüidades, como na sentença: "Então, Dona Maria, vendo seu filho perguntar isso começou a chorar e perguntar a Deus por que essa miséria na vida *dela*".

O uso do possessivo *seu* aparece em maioria absoluta, sendo utilizado tanto em contextos ambíguos, como em não ambíguos. São dados a seguir alguns exemplos:

"Sr. Joaquim era um homem velho, que morava com **sua** esposa, **sua** sogra e **seus** oito filhos, num pequeno barraco, na favela da Gabriela, em Feira e Santana". (Sem ambigüidade).

*“Hoje em dia, milhares de pessoas sofrem de fome, miséria, discriminação e não sabem reivindicar **seus** direitos”.* (Sem ambigüidade).

*“Primeira vez que viram a polícia brasileira desarmar uma favela inteira e Caio fez as pazes com Ana e **seus** sobrinhos que são ricos e vivem numa clínica para tratar o vício”.* (Com ambigüidade).

*“(...) perambulava pela rua para ver se em algum lixo de qualquer lanchonete havia algo que matasse a sua fome e ver se dava para levar para sua mãe e **seus** irmãos”.* (Com ambigüidade).

2.2 Textos da imprensa

2.2.1 Textos informativos da revista *Veja*:

Alguns estudos lingüísticos têm demonstrado que os meios de comunicação estão apresentando uma linguagem culta distanciada da norma padrão, prescrita pelas gramáticas normativas, como, por exemplo: o uso do verbo assistir, no sentido de presenciar, sem a preposição *a*.

Por outro lado, no tocante à variação *seu/dele*, observamos que em textos informativos o emprego da forma conservadora é absoluto, pois, em três revistas *Veja* analisadas, não foi encontrada nenhuma ocorrência do genitivo *dele* para indicar posse de terceira pessoa, salvo em transcrições de fala, como em: *“Não sou namorada dele e não sei de onde tiraram essa história”* (*Veja*, 22 de março de 2000).

2.2.2 Textos publicitários

Nas páginas destinadas a anúncios publicitários da revista *Veja*, foi constatado que a linguagem utilizada visa a manter um suposto diálogo com o leitor, por essa razão, é exclusivo o uso do possessivo *seu* para fazer referência à segunda pessoa, em substituição ao pronome *teu*. São dados a seguir alguns exemplos:

*“Unibanco coloca as informações de **sua** conta corrente, fundos e poupanças no **seu** celular digital”.* (*Veja*, 8 de março de 2000).

*“Consulte **seu** Concessionário Renault.”* (Veja, 8 de março de 2000).

*“A **sua** internet de graça não vale nada?.”* (Veja, 8 de março de 2000).

Por fim, o seguinte anúncio publicitário, divulgado no carnaval de 2000 na imprensa falada e escrita ilustra bem a intenção de aproximar a língua escrita da língua falada: *“A ciência está fazendo a parte **dela**, faça você a **sua**.”*

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial de que o possessivo *seu* e flexões em textos escritos seria mais freqüente que o genitivo *dele* e flexões foi confirmada. A princípio, imaginamos que isso se desse pelo fato de a escrita ser muito mais conservadora do que a fala e estar mais presa às prescrições gramaticais, mas os dados coletados apresentaram quase 60% de ocorrência do possessivo *seu* referente à terceira pessoa nos textos dos alunos em estágio inicial de escrita, o que veio a demonstrar que essa prevalência do pronome *seu* deve ser interpretada não como um processo de recuperação de perdas lingüísticas, mas como consequência da especificidade das duas modalidades da língua: presença e ausência do interlocutor. A esse respeito, posiciona-se Marcuschi (2001), salientando que existem operações de transformação de um texto falado para um texto escrito, incluindo entre elas a retirada de elementos característicos de atos de fala.

REFERÊNCIAS

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1980.

CUNHA, C. F. da. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernado Álvares, 1976.

FARACO, C. A. **Lingüística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

KATO, M. A. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: MORAES, J.; GRIMM-CABRAL, L. (Org.) **Investigações à linguagem**: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral. Florianópolis: Mulher, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 2ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEIER, H. Sua mulher, a mulher dele e o possessivo no conto popular "Cara de Pau". **Boletim de filologia**, Lisboa, v.8, n. 2 p.128-143, 1946.

SILVA, G. M. Estertores da Forma *seu* na Língua Oral. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. (orgs.). **Padrões Sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português da cidade do Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: Ed. UFRJ, 1996.

_____. **Estudo da variação da regularidade na variação dos possessivos de terceira pessoa no português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado em Lingüística e Filologia) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TERRA, E. **Curso prático de gramática**: Scipione: São Paulo, 1991.